

Lênin e a unidade dialética na teoria do partido e da revolução

André Koutchin¹

Resumo: O objetivo geral de nosso artigo é o de verificar nossa hipótese preliminar, fundamentada nos estudos de Hector Benoit, de que, longe de uma ruptura definitiva, explícita e radical, de um primeiro leninismo “pré-dialético” (antes de 1914) e de um segundo leninismo “dialético” (após 1914), existe unidade permanente (lógico-histórica) na teoria de partido e na estratégia do programa revolucionário em Lênin, desde as palavras aparentemente burocráticas de *O Que Fazer?* e *Um passo em frente, dois passos atrás*, até as palavras libertárias pronunciadas às vésperas da insurreição de 1917; desde a ditadura democrática do proletariado e dos camponeses (defendida em *Duas Táticas*) até o poder aos soviets (sintetizadas a partir de suas célebres *Teses de Abril*, por sua vez, desenvolvidas com o auxílio de seus estudos contidos nos *Cadernos*). Nossa orientação metodológica não leva em consideração somente o conteúdo filosófico de algumas obras específicas, como também o de suas circunstâncias histórico-biográficas e o de suas consequências políticas. Assim, concluímos que ao não ignorar *O Capital* de Marx e avançar a sua compreensão sobre Hegel (e a dialética) em um momento histórico crítico, Lênin fortaleceu sua teoria do partido e da revolução.

Palavras-chave: Hegel. *O Capital* de Marx. Dialética. Lênin. *Cadernos Filosóficos*.

LENIN AND THE DIALECTICAL UNITY IN THE PARTY AND REVOLUTION THEORY

Abstract: The general objective of our article is to verify our preliminary hypothesis, based on the studies of Hector Benoit, that, far from a definitive and explicit rupture of a “pre-dialectical” first Leninism (before 1914) and of a second “dialectical” Leninism (after 1914), there is a permanent (logical-historical) unity in the party theory and the strategy of revolutionary program in Lenin, from the seemingly bureaucratic words of *What is to be done?* and *One step forward, two steps back*, to the libertarian words spoken on the eve of insurrection of 1917; from the democratic dictatorship of the proletariat and the peasantry (defended in *Two Tactics of social-democracy in the democratic revolution*) to power to the soviets (synthesized from their celebrated *April Thesis*, in turn, developed with the aid of their studies contained in the *Philosophical Notebooks*). Our methodological orientation does not consider only the philosophical content of some specific works, as well as of its historical-biographical circumstances and of its political consequences. Thus, we conclude that by not ignoring Marx’s *Capital* and advancing his understanding of Hegel (and dialectic) at a critical historical moment, Lenin strengthened his theory of party and revolution.

Keywords: Hegel. Marx’s *Capital*. Dialectic. Lenin. *Philosophical Notebooks*.

¹ Professor da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. E-mail: akoutchin@hotmail.com.

Introdução

Ao longo de todo o século XIX, a Rússia foi um palco de profundas ambiguidades. Tão imensas quanto as suas dimensões geográficas, eram as suas contradições econômicas, políticas, sociais e culturais. Povoada em sua maioria por camponeses empobrecidos, era também o campo de expansão gradual de um capitalismo moderno, que passava a empregar um contingente de trabalhadores cada vez mais concentrado nas grandes fábricas. Naquele espaço quase que exclusivamente rural, as grandes propriedades da nobreza e as comunidades camponesas passavam a coexistir com monopólios industriais e financeiros. Um país predominantemente de analfabetos, mas cuja *intelligentsia* era aberta a todas as correntes de pensamento (incluídas as mais radicais). Tudo isso assegurado pelo último reduto da autocracia, o Império czarista².

Essas circunstâncias haviam produzido uma série de tensões sociais, inicialmente confusas e relativamente desorganizadas, que pressionavam o czarismo. Ia se tornando óbvio que a Rússia se aproximava de uma revolução. Mas um conjunto de questões fundamentais ainda se colocava naquele momento: que caráter teria essa revolução? Que classe deveria desempenhar nela o papel dirigente? O desenvolvimento do capitalismo seria também o destino inevitável para a Rússia? Ou ela poderia, em consequência de suas particularidades, “saltar esse estágio” e passar diretamente de um comunismo primitivo para um comunismo desenvolvido?

Por muito tempo, sucessivas gerações de revolucionários russos tentaram responder a essas questões³. Para o filósofo

² BROUÉ, Pierre. *O partido bolchevique*. São Paulo: Sundermann, 2014, p. 19 - 20.

³ Questões que de fato seriam respondidas pelo próprio Marx, em carta endereçada à revolucionária russa Vera Zasulich, em março de 1881, e, também, por Marx e Engels, em janeiro de 1882, no “profético” prefácio à segunda edição russa do *Manifesto Comunista*: “se a revolução russa dá o sinal para uma revolução proletária no Ocidente, de modo que ambas uma à outra se completem (*so dass beide einander ergänzen*), assim pode a atual propriedade coletiva na Rússia servir de ponto de partida (*Ausgangspunkt*) para um desenvolvimento comunista” (MARX; ENGELS apud BENOIT, 1998, p. 66).

húngaro Georg Lukács⁴, a característica distintiva entre Lênin e seus predecessores residia justamente na capacidade de transformar a teoria de Marx em “fio condutor” para o correto tratamento dos problemas mais essenciais da época, reconhecendo a revolução da classe trabalhadora como um pressuposto histórico e considerando-a em seu aspecto teoricamente central e, por isso, decisivo na prática: o aspecto da organização.

Tal como Marx, Lênin compreendia que a luta de classes se desenvolveria objetivamente (isto é, no plano econômico) através da posição dos trabalhadores no processo de produção capitalista. Mas seria para ele um erro imaginar, entretanto, que a consciência de classe que capacitaria a classe trabalhadora a assumir o poder (isto é, subjetivamente, no plano político) pudesse surgir de forma espontânea, através de uma progressão teórica e ideológica gradual e pacífica no interior das fábricas. Em outras palavras, não seria possível pensar simplesmente em uma transição “natural” do capitalismo para o socialismo. Como organização centralizada dos elementos mais conscientes da classe trabalhadora, o partido era concebido por Lênin como o instrumento fundamental para a luta de classes em uma época revolucionária. Não se separando mecanicamente o plano econômico do plano político e, deste, o aspecto organizacional, a questão seria decidida pelo modo como os trabalhadores alcançariam, por intermédio do partido, sua própria consciência de classe, tornando-a plenamente sua.

É neste ponto, na teoria e prática partidária, que Lênin parece ter expressado com clareza a leitura dialética de *O Capital*, compreendendo-a e aplicando-a de modo específico na teoria dos níveis de organização e de atuação do partido. Benoit⁵ destaca que,

Cf. BENOIT, Hector. A luta de classes como fundamento da história. In: TOLEDO, Caio Navarro de. (Org.). *Ensaios sobre o Manifesto Comunista*. São Paulo: Xamã, 1998. p. 45 - 69.

⁴ LUKÁCS, György. *Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento*. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 33.

⁵ BENOIT, Hector. Teoria (dialética) do partido ou a negação da negação leninista. *Outubro*, São Paulo, n. 2, p. 47 - 61, 1998. p. 55.

para Lênin, era fundamental diferenciar nitidamente os níveis organizativos para exatamente estabelecer o entrecruzamento, a dialética entre eles; os níveis organizativos correspondiam a níveis de consciência diferentes, de acordo com as experiências históricas em cada nível, devendo ser desenvolvidos através da rigorosa unidade entre teoria e prática revolucionária (a práxis revolucionária).

O nível clandestino representa a instância composta de operários, intelectuais e revolucionários profissionais que detêm conscientemente a teoria marxista e que na práxis da luta de classes romperam efetivamente com a legalidade burguesa; o nível semi-legal representa os trabalhadores e jovens cuja consciência socialista já existe, mas está enraizada somente nas experiências de algumas lutas travadas, sem grande continuidade, não permanecendo firme em períodos de refluxo; finalmente, o nível legal é constituído por trabalhadores e jovens que apenas começam a entrar em movimento através de um primeiro momento contraditório com as leis e ilusões do mundo capitalista das mercadorias. (BENOIT, 1998, p. 55).

Deste modo, como Marx em *O Capital*, trata-se de conduzir dialeticamente a classe trabalhadora da instância do mercado, da compra e venda da força de trabalho (nível legal) à instância contraditória dos “segredos” da produção (nível semi-legal) e finalmente ao momento em que se descobre a ilegalidade do próprio sistema capitalista (nível ilegal). Na teoria leninista do partido, similarmente, trata-se de se estabelecer uma dialética interna entre os diversos níveis organizativos, de forma que a vanguarda ilegal (detentora da consciência histórica da classe trabalhadora), desencadeadora do processo, dirige-se para os níveis semi-legais (grevistas e setores que já entraram em luta contra a classe burguesa) e legais (setores contraditórios, mas ainda passivos em relação à burguesia) elevando camadas cada vez maiores para o nível ilegal ou revolucionário.

Como se pode perceber, no início a vanguarda partidária está pressuposta, isto é, não está posta desde o começo (é ilegal, clandestina). Essa vanguarda, para os trabalhadores, somente é posta (revelada, descoberta) pelo rigoroso trabalho da práxis revolucionária, possibilitando então que a consciência da classe trabalhadora, dispersa na multiplicidade de suas lutas e alienada nos diversos momentos analíticos de suas experiências, se eleve e finalmente atinja a aglutinação de todas essas múltiplas determinações, despertando de maneira definitiva e alcançando plenamente seu projeto histórico, seu programa revolucionário que objetivamente e, também, subjetivamente se conclui pela revolução socialista. Ao final do processo, a vanguarda deverá ter conseguido se expor completamente como direção histórica da classe trabalhadora e, como tal, poderá conduzir e ser conduzida pela luta aberta das massas⁶.

Assim, de acordo com Benoit, a teoria leninista do partido torna-se a expressão essencial do próprio processo dialético, do movimento, da transformação, do devir que se desenvolve da vanguarda à maioria dos trabalhadores que retorna unificada à vanguarda pela práxis revolucionária. No marxismo de Lênin, portanto, as contradições econômicas capitalistas se transformam em resultado político pela e para a classe trabalhadora, com a mediação do partido e de sua vanguarda de profissionais. É assim também que se poderia destacar, nas palavras de Lukács, a “importância do papel ativo e histórico do partido como o traço

⁶ É exatamente essa a ordem expositiva empregada por Marx em *O Capital*, mais precisamente ao longo do livro primeiro (o único, de fato, concluído inteiramente pelo autor): o que está pressuposto é posto pelo próprio processo de exposição. Partindo das contradições da mercadoria (determinação mais abstrata), Marx amplia lógica e historicamente essas contradições até mostrá-las como fundamentadas na expropriação dos produtores diretos, na luta de classes (determinação mais concreta), e mostra como essas contradições apontam tendencialmente para a expropriação dos expropriadores (a revolução socialista). Desta forma, a consciência que percorreu todo o percurso (a do leitor ou a do trabalhador alienado) coincide ao final com a consciência do próprio autor (Marx) ou com a consciência daqueles que já conheciam todo o trajeto (neste caso, a vanguarda revolucionária). Cf. BENOIT, Hector. Sobre a crítica (dialética) de *O Capital*. *Crítica Marxista*, Campinas, n. 3, p. 14 - 44, 1996.

fundamental da teoria e, portanto, da política de Lênin”, cuja análise nos “leva sempre às questões fundamentais do método dialético”⁷.

A essa altura poderíamos então nos perguntar: seria possível pensar a dialética em Lênin apenas em relação à sua teoria dos níveis de organização e de atuação do partido? Mas o que seria, para o próprio Lênin, a dialética? A “essência” de seu pensamento poderia residir aí, justamente na sua compreensão a respeito do método? Seria, aliás, pertinente um “corte” analítico para se estudar questões filosóficas, políticas e de partido em Lênin? Enfim, o que encontraríamos ao investigar, como referência inicial, um de seus mais emblemáticos textos sobre essa problemática metodológica específica, escrito justamente às vésperas da insurreição de 1917?

Observações metodológicas

Por muito tempo, diversos autores marxistas afirmaram que Lênin haveria exposto suas principais concepções filosóficas na obra *Materialismo e Empirio criticismo (Notas Críticas sobre Uma Filosofia Reacionária)*, de 1908⁸. Ali, segundo a maioria desses

⁷ É curioso notar que o próprio Lukács termine seu ensaio sobre o pensamento de Lênin afirmando que “os comunistas devem procurar adotar em relação a Lênin a mesma atitude que Lênin adotou em relação a Marx” (LUKÁCS, 2012, p. 101). Curioso exatamente porque as escolhas e posicionamentos políticos de Lukács em determinado momento de sua vida são bastante duvidosos em relação à classe trabalhadora. Afinal, não é essa a questão mais fundamental a respeito do método dialético herdado de Marx e aplicado por Lênin, segundo o mesmo Lukács: reduzir a totalidade dos fenômenos aos reais interesses de classe? Cf. DILLENBURG, Fernando Frota. *Método dialético e política em Lukács*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

⁸ Por vezes, esses autores apresentavam *Materialismo e Empirio criticismo* como a obra em que Lênin expunha, definitivamente, as suas categorias filosóficas principais, sintetizando ali o seu pensamento. Essa tendência deformadora decretava o leninismo como a expressão acabada da filosofia marxista “oficial” ou “soviética”. Na realidade, Lênin não planejou e redigiu *Materialismo e Empirio criticismo* como um trabalho original sobre filosofia, mas com o propósito específico de combater uma série de escritores “marxistas” que haviam empreendido na Rússia uma aberta campanha de revisão contra a “filosofia do marxismo”, o chamado “materialismo dialético”. Tais escritores, baseados nas então recentes descobertas das ciências da natureza, procuravam demonstrar teoricamente a impossibilidade de se conhecer a realidade objetiva, justificando como finalidade exclusiva do entendimento humano apenas a descrição das sensações e dos fenômenos empíricos. Lutando contra essas correntes reacionárias (neo) positivistas, Lênin desenvolveu uma teoria da cognoscibilidade do mundo (ou gnosiologia), chamada por ele de “teoria do reflexo”, em que se defendia uma concepção

comentadores, Lênin teria assentado de forma definitiva os alicerces do marxismo-leninismo, sob a bandeira do “materialismo dialético”⁹. Entretanto, mais recentemente, essas leituras começaram a ser questionadas a partir de abordagens sobre uma de suas obras póstumas, o compêndio intitulado *Cadernos Filosóficos*. Diferentemente do livro de 1908, nos *Cadernos* a dialética em si, tal qual aparece e é desenvolvida na filosofia, ocuparia um lugar central nos estudos predominantes entre os anos de 1914 e 1916. Em seus apontamentos e esquemas, Lênin revelaria uma apreciação, ao mesmo tempo valorizadora e crítica, do pensamento de Georg W. F. Hegel, cuja lógica, “em sua essência o próprio método dialético”, seria constatada e resumida com admiração em diversas passagens:

No verdadeiro sentido, a dialética é o estudo da contradição na própria essência dos objetos [...] A dialética é a teoria de como [...] o entendimento humano não deve considerar os opostos como mortos, rígidos, mas como vivos, condicionados, móveis, transformando-se uns nos outros. *En lisant* [Lendo] Hegel... [É a] condição para o conhecimento de todos os processos do mundo em seu “automovimento”, em seu desenvolvimento espontâneo, em sua vida real, é o conhecimento dos mesmos como a unidade de opostos. E o desenvolvimento é a “luta” dos opostos. (LENIN, 1973, p. 227; p. 98; p. 317, grifo do autor, tradução nossa)¹⁰.

materialista da consciência, segundo a qual o pensamento seria uma espécie de reflexo do mundo exterior. Apesar de sublinhar, em algumas passagens, o processo de conhecimento humano como dialético (“um complexo contraditório de desenvolvimento”, que se moveria do “incompleto e impreciso ao mais completo e mais preciso”) e mesmo defender a dialética como uma “teoria marxista do conhecimento”, todo o conteúdo do livro é dedicado à demonstração objetiva das leis da natureza e da sociedade (em resumo, uma defesa do materialismo contra as tendências idealistas e místicas da época). Cf. LÉNINE, Vladimir Ilitch. *Materialismo e Empiriocriticismo (Notas Críticas sobre Uma Filosofia Reaccionária)*. Lisboa: Avante!, 1982.

⁹ Kevin Anderson observa que o termo “materialismo dialético” apareceu pela primeira vez em um ensaio sobre Hegel de autoria do marxista russo Georgi Plekhanov, em 1891. Anderson frisa que Marx nunca havia empregado esta definição que, por seu turno, seria uma “construção do próprio Plekhanov”, sob influência direta de seus estudos sobre Engels (ANDERSON, 1995, p. 15, tradução nossa).

¹⁰ LENIN, Vladimir Ilitch. *Filosofskiye Tetradi*. In: _____. *Polnoye Sobraniye*. 5. ed. Moskva: Institut Marksizma-Leninizma, 1973. v. 29. Ao cotejar esta edição em russo, notamos que Lênin trata dos polos na dialética como opostos. Nas diversas edições em português e em espanhol, tais passagens são traduzidas ora como contrários, ora como contraditórios. Não ignoramos esta diferença e suas

De início, devemos observar que os manuscritos de Lênin foram redigidos em um contexto histórico bastante complexo, imediatamente após a eclosão da Primeira Grande Guerra e dos contragolpes que o movimento internacional dos trabalhadores havia sofrido. Em um exílio forçado, Lênin parecia acreditar que era necessário desenvolver a teoria para um novo momento histórico, que era necessário buscar pressupostos filosóficos para fundamentar em um novo patamar teórico suas posições políticas. Ao se internar na biblioteca de Berna, na Suíça, e estudar Hegel, Lênin, de certo modo, repetia e iluminava os passos de Marx, que sentira também a necessidade de voltar ao filósofo alemão antes de redigir *O Capital*¹¹.

Em *O Capital* Marx primeiro analisa a *relação* mais simples, mais ordinária e fundamental, mais comum e cotidiana da sociedade burguesa (a mercadoria), uma relação que se encontra milhares de milhões de vezes, a saber, nas trocas de mercadorias. A análise revela neste fenômeno muito simples (nesta “célula” da sociedade burguesa) *todas* as contradições (ou os germes de *todas* as contradições) da sociedade moderna. A exposição subsequente nos mostra o desenvolvimento (*tanto* o crescimento *como* o movimento) destas contradições e desta sociedade, na soma de suas partes individuais, de seu começo ao seu fim. Tal deve ser também o método de exposição (e o respectivo estudo) da dialética em geral (porque para Marx a dialética da sociedade burguesa é somente um caso particular da dialética). (LENIN, 1973, p. 318, grifo do autor, tradução nossa).

implicações, entretanto, observamos que este trabalho de tradução e comparação com outras edições ainda está sendo realizado para que possa ser especificamente desenvolvido e completado em uma ocasião posterior.

¹¹ Nos anos em que passou aperfeiçoando o “estilo”, Marx teria voltado a consultar, “por pura casualidade”, a *Ciência da Lógica* de Hegel. Esta obra acabaria por influenciar decisivamente o modo de exposição de *O Capital*. Cf. ROSDOSLKY, Roman. *Gênese e estrutura de O Capital de Marx*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. p. 15 - 17. Sobre a importância dessa influência, Lênin afirmaria nos *Cadernos*: “Não é possível compreender plenamente *O Capital* de Marx, e em especial seu primeiro capítulo, sem haver estudado a fundo e sem haver compreendido *toda* a *Lógica* de Hegel. Consequentemente, meio século depois nenhum marxista compreendeu Marx!” (LENIN, 1973, p. 162, grifo do autor, tradução nossa).

Essa volta às fontes hegelianas do pensamento marxista, pautada pela necessidade de compreender adequadamente um mundo que se transformava de forma drástica, nos faria pensar em uma primeira e uma segunda filosofia em Lênin, em um primeiro e em um segundo leninismo contrastantes entre si? Para Michael Löwy¹², sim. Após a grande traição histórica de 1914¹³, Lênin haveria rompido com boa parte do marxismo de sua época e, em certo sentido, com a sua própria consciência filosófica de outrora, expressa categoricamente em *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática*, um dos principais textos políticos de Lênin, no ano de 1905. E a “pedra angular”, a fonte metodológica essencial dessa modificação, seria exatamente sua concepção a respeito da dialética. Löwy observou ainda que os estudos de Hegel por Lênin não teriam sido fruto de um “entusiasmo passageiro”; Lênin teria mantido essa “ruptura” teórico-política até o fim da vida e insistido em seus últimos textos sobre a necessidade de um “estudo sistemático da dialética hegeliana de um ponto de vista materialista”.

Sem agora levarmos adiante essa questão, a de uma suposta ruptura filosófica como a levantada por Löwy, o que nos parece importante destacar neste ponto é a ruptura, a interrupção, do próprio modo efetivo de exposição de *O Capital*. Após a morte de Lênin, em 1924, o marxismo dividiu-se, com raras exceções, entre duas correntes unilaterais de interpretação que o conduziu por dois caminhos distintos a um único destino: de um lado, um marxismo

¹² LOWY, Michael. Da Grande Lógica de Hegel à Estação Finlandesa de Petrogrado. In: _____. *Método dialético e teoria política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 131.

¹³ Vários líderes dos partidos social-democratas (socialistas) europeus votaram a favor dos créditos militares pedidos por seus respectivos governos (capitalistas) para a Primeira Guerra Mundial. Esses posicionamentos, consequências lineares de posturas teóricas anteriormente defendidas ao longo da Segunda Associação Internacional dos Trabalhadores, teriam conduzido Lênin a uma profunda reflexão sobre os fundamentos filosóficos desta traição. Lênin haveria “intuído” que se tratava, sobretudo, de uma incompreensão da dialética por parte da maioria dos dirigentes marxistas de então (LOWY, 1978, p. 130 - 131).

prático-vulgar, não dialético, generalizado como “soviético”, que levou os trabalhadores à série de derrotas ao longo de aproximadamente um século; e, de outro lado, um marxismo teorista, chamado de “ocidental”, que sem desembocar em prática alguma, e, nesse sentido, também não dialético (apesar de muitas vezes “filosófico”), acabou por se esgotar da mesma forma que o primeiro, sem orientar nenhuma transformação efetiva do capitalismo em direção à sua superação socialista (BENOIT, 1997, p. 28 - 29)¹⁴.

Pensamos que estes dois polos antitéticos de interpretação expressam fielmente os dilemas teóricos que em geral são encontrados em estudos sobre Lênin. E que o próprio Lênin nos fornece conteúdo para reexaminá-los de modo apropriado. Apesar de sua figura ser difundida como a de um homem de ação, a de um dirigente partidário “prático”, supomos que seria um equívoco analisá-lo apenas sob este ângulo. Como supomos que seria outro equívoco estudá-lo e demonstrá-lo tão somente como o seu contrário: um “teórico” do marxismo, um “filósofo” original¹⁵. Neste caso, teríamos de realizar um isolamento “estático-positivista” entre as suas principais formulações filosóficas para poder compará-las. Algo no sentido de identificarmos, tal como Löwy, de que maneira teria ocorrido a “cisão epistemológica” entre o Lênin (pré-dialético) de *Duas táticas* e o Lênin (dialético) dos *Cadernos*.

¹⁴ Para muitos, Lênin teria sido o iniciador da primeira corrente, sistematizada como marxismo-leninismo. Para outros, porém, o trabalho teórico de Lênin posterior a 1914 o situaria mais próximo de marxistas ocidentais ou “hegelianos” do que de marxistas “soviéticos”. Nesse sentido, seria possível sustentar, inclusive, que Lênin teria sido o primeiro marxista de expressão a insistir no retorno à dialética e ao estudo crítico de Hegel. Cf. ANDERSON, Kevin. *Lenin, Hegel and Western Marxism*. Chicago: Illinois University, 1995.

¹⁵ Tese funcionalmente promovida pelo regime stalinista (que, aliás, procurou estabelecer uma filiação direta entre *Dialética da Natureza*, de Engels, *Materialismo e Empiriocriticismo*, de Lênin, e *Materialismo Dialético e Materialismo Histórico*, de Josef Stálin) e também difundida por autores como Henri Lefebvre (*O pensamento de Lênin*) e Louis Althusser (*Lênin e a filosofia*). É possível pensar que, embora de formas bastante distintas, há, no conteúdo, convergência entre essas posições: fazer do leninismo uma filosofia ou uma concepção particular da filosofia.

Aqui, de imediato, nos depararíamos com alguns problemas: e a concepção (dialética) do partido, já contida potencialmente em seus primeiros textos, como *O Que fazer?* e *Um passo em frente, dois passos atrás*, escritos entre 1902 e 1904?¹⁶ Como comparar os próprios *Cadernos*, uma obra *sui generis*, produto de reflexões do autor para a sua utilização pessoal, que contém algumas imprecisões e temas não aprofundados, e que sequer fora preparada para a publicação? É evidente que as anotações contidas ali são preciosas, mas poderíamos sustentar que os *Cadernos Filosóficos* constituiriam a palavra final de Lênin sobre a dialética?

O autor francês Jean-Marie Brohm parece ter nos deixado algumas pistas teóricas em sua pequena brochura *O que é a dialética?*¹⁷. De acordo com Brohm, seria metodologicamente impossível compreender o leninismo com base apenas na filosofia, pois a verdadeira filosofia de Lênin não se encontraria contida isoladamente em seus livros, mesmo nos que ele aborda formalmente problemas filosóficos. As teses de Lênin só poderiam ser realmente compreendidas e discutidas a partir de uma abordagem histórico-política. Lênin haveria introduzido o ponto de vista da classe trabalhadora em todas as suas apreciações, incluídas as filosóficas, fazendo da filosofia uma verdadeira “arma” na luta de classes¹⁸.

¹⁶ QUARTIM DE MORAES, João. A grande virada de Lenin. *Crítica Marxista*, Campinas, n. 34, p. 9 - 32, 2012. Apesar do que aparenta sugerir o título do artigo de Quartim de Moraes, a “virada” a que se refere é a que Lênin imprimiu à teoria marxista (sobre o imperialismo), e não à sua própria, apontando forte continuidade em seus textos e combates (“não há nele [Lênin] ruptura teórica comparável à que separa o jovem Marx do Marx da maturidade”). A hipótese de que Lênin, pelo menos desde 1902, exprime uma compreensão dialética sobre a teoria revolucionária, que articula a consciência socialista, a organização que a concretiza e o programa que a sintetiza (“os interesses históricos de uma classe social a seus objetivos concretos numa situação específica”), é por nós também admitida, com a importante ressalva de que a desenvolvemos sobre matrizes teóricas distintas.

¹⁷ BROHM, Jean-Marie. *O que é a dialética?* Lisboa: Antídoto, 1979. p. 89 - 143.

¹⁸ “No seu prefácio a *Materialismo e Empiriocriticismo*, Lênin explica: ‘no que me toca, não passo de um investigador em Filosofia’. Efetivamente, Lênin não procura fazer filosofia ou aprofundar uma filosofia. Não aspira a ser um filósofo: **o seu papel é lutar politicamente no terreno da filosofia e com as armas da filosofia**” (BROHM, 1979, p. 117, grifo do autor, tradução nossa).

A exemplo de Brohm, pensamos que justamente nos *Cadernos Filosóficos* Lênin teria unido de modo dialético duas de suas principais preocupações filosófico-políticas que o haviam agitado em dois momentos distintos: a defesa do materialismo (contra o idealismo “subjetivo”) e a defesa da dialética (contra o materialismo “vulgar”). Dois momentos que não deveriam se separar, ambos necessários à luta política contra os posicionamentos oportunistas que se nutriam filosoficamente das ciências naturais daquele tempo¹⁹. É por esse motivo, inclusive, que Lênin teria insistido num “estudo sistemático da dialética hegeliana de um ponto de vista materialista”, quer dizer, do método que Marx aplicou praticamente em *O Capital*. Método que, ao contrário de axiomas ou dogmas, é permanentemente aberto para dar conta de uma história em contínua transformação; ponto de partida para “análises concretas de situações concretas”. O próprio Lênin observaria que todas as vezes que novas tarefas fossem colocadas à práxis revolucionária, que as conquistas teóricas alcançadas até aquele momento não bastariam mais e que, conseqüentemente, seriam necessários novos trabalhos de investigação e elaboração teórica para a ação política²⁰. Assim, não seria possível admitirmos como hipótese preliminar uma ruptura radical em sua obra; mas, sim, ruptura na sucessão, continuidade contraditória; supomos haver, portanto, aprofundamento, superação. Unidade dialética permeada por sua teoria do partido e da revolução. Vamos à verificação.

¹⁹ Não é à toa que além das obras de Hegel, Marx e Engels, e da história da filosofia em geral, os *Cadernos* apresentem também fichamentos de Lênin a respeito de algumas obras relacionadas ao desenvolvimento das ciências naturais (como notamos, tema que lhe ocupou particularmente em *Materialismo e Empiriocriticismo*).

²⁰ GRUPPI, Luciano. *O pensamento de Lênin*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 298. Foi precisamente deste modo que Lênin procedeu a um avanço teórico em face de uma nova circunstância histórica: a guerra mundial, a situação objetivamente revolucionária que ela havia criado; a revolução de fevereiro, a derrota rápida do czarismo, a formação do governo provisório e o desenvolvimento maciço dos soviets. Na “essência”, o método de Lênin continuava o mesmo, conservado: dialeticamente, reduzir a totalidade dos fenômenos aos reais interesses da classe trabalhadora (“uma análise concreta de uma situação concreta”).

Lênin e a unidade dialética na teoria do partido e da revolução

Ao chegar à praça da estação finlandesa de São Petersburgo, em 3 de abril de 1917, vindo de trem desde a Suíça, Lênin expôs a uma multidão que se localizava a sua espera as famosas *Teses de Abril*, resumindo a sua nova fórmula política central na palavra de ordem “todo o poder aos soviets”. No dia seguinte, diante dos representantes locais do marxismo russo, delegados bolcheviques e mencheviques, fez novamente sua exposição (desta vez, um pouco mais pormenorizada). Entretanto, suas diretivas eram agora recebidas unanimemente como as teses “heréticas”, “delirantes”, “insensatas” e “anárquicas” de um Lênin que apresentava ali a proposta de uma transição imediata à revolução socialista na Rússia (contrariando, assim, a ideia que havia perdurado por décadas entre os sociais-democratas sobre a necessidade de uma fase democrático-burguesa).

O discurso inédito de Lênin, na realidade, houvera provocado uma reação igualmente inédita no seio de toda a social-democracia russa: ao invés de agravar as divergências entre bolcheviques e mencheviques mais uma vez, na verdade as tinha suprimido, pois só poderia haver um acordo entre ambas as frações face à nova posição “surpreendente” de Lênin. Um editorial do *Pravda*, em 8 de abril, confirmou essa impressão de unanimidade “antileninista” em defesa dos “princípios elementares do socialismo científico” (LOWY, 1978, p. 126).

Michael Löwy, em conhecido artigo intitulado *Da Grande Lógica de Hegel à Estação Finlandesa de Petrogrado*²¹, foi talvez um dos primeiros autores a apontar que esse “coro de reprovação geral” na realidade descrevia, de modo revelador, que Lênin havia precisamente rompido com o “socialismo científico de outrora”, com uma forma de compreender “os princípios elementares do marxismo”, forma esta que era, em certa medida, comum a todas as

²¹ Op. cit. p. 125 - 141.

correntes da social-democracia marxista na Rússia. A perplexidade, a confusão, a indignação e o desprezo com os quais foram recebidas as *Teses de Abril* não seriam senão

o sintoma do **corte radical** com a tradição do “Marxismo ortodoxo” da II.^a Internacional (nos referimos à corrente hegemônica e não à esquerda radical: Rosa Luxemburgo etc.). Tradição cujo materialismo-mecânico-determinista-evolucionista se cristalizava num silogismo político rigoroso e paralisante: “A Rússia é um país atrasado, bárbaro, semifeudal. Ela não está madura para o socialismo. A revolução russa é uma revolução burguesa”. (LOWY, 1978, p. 126, grifo do autor).

Como sabemos tal modificação não se refere a uma mera preocupação ou elucubração acadêmica. Raramente uma “conversão teórica” fora mais rica de consequências históricas do que a inaugurada por Lênin em abril de 1917. Quais seriam as fontes metodológicas desta mudança? Àquela altura, qual seria a diferença específica entre o seu método e o dos “cânones da ortodoxia marxista de outrora”? Novamente, Löwy nos fornece uma resposta: a compreensão essencial da dialética revolucionária marxista.

Sua dialética revolucionária: eis, **in nuce** [em suma], o ponto geométrico da **ruptura** de Lenin com o marxismo da II.^a Internacional, e, em certa medida, **com sua própria consciência filosófica “de outrora”**. Ruptura que começa logo após à Primeira Grande Guerra, se nutre de uma volta às fontes hegelianas da dialética marxista e resulta no desafio monumental, “louco” e “delirante” da noite de 3 de abril de 1917. (LOWY, 1978, p. 127, grifo do autor).

Löwy destaca que uma das primeiras fontes filosóficas do pensamento de Lênin havia sido *A Sagrada Família*, escrita por Marx e Engels em 1844, e que ele havia resumido em um caderno de notas, no ano de 1895. Observa Löwy que Lênin se interessou particularmente pelo capítulo intitulado “Combate crítico contra o materialismo francês”, capítulo que constituiria precisamente o

único escrito de Marx onde ele houvera aderido de uma maneira “não crítica” ao materialismo francês do século XVIII, permitindo identificar excepcionalmente um “materialismo metafísico” na corrente marxista. Por outro lado, prossegue Löwy, Lênin era nessa época, “do ponto de vista filosófico, amplamente tributário de Plekhanov”, sendo “politicamente muito mais flexível e radical” do que seu colega de ofício. Naquele momento, “Lenin aceitava algumas premissas ideológicas fundamentais do marxismo ‘pré-dialético’ de Plekhanov e seu corolário estratégico, o caráter **burguês** da revolução russa” (LOWY, 1978, p. 127, grifo do autor).

Para Löwy, sem essa “base comum” dificilmente se poderia compreender como Lênin, apesar de sua crítica severa e intransigente ao menchevismo e ao liquidacionismo, pode aceitar, entre 1905 e 1910, as várias tentativas de reunificação das duas frações do partido social-democrata russo. Já aqui, portanto, Löwy nos sugere que tal “base comum” seria uma espécie de lógica “pré-dialética”, um materialismo “positivista”, que justificaria uma interpretação marxista sobre um processo revolucionário gradual que tornaria necessária uma “etapa” burguesa no curso de uma revolução na Rússia. Plekhanov seria o maior expoente russo destas premissas ideológicas que, por sua vez, seriam aceitas por Lênin antes de 1914. Contudo, é exatamente no início do capítulo de *A Sagrada Família* destacado por Löwy, que Lênin, em seu conspecto de 1895, anota:

A Ilustração francesa do século XVIII e o materialismo francês são não apenas uma luta contra as instituições políticas existentes mas de igual modo uma luta aberta contra a *metafísica* do século XVII, a saber, contra a metafísica de *Descartes*, *Malebranche*, *Spinoza* e *Leibniz*. [...] A metafísica do século XVII, golpeada pelo materialismo do século XVIII, sofreu uma restauração vitoriosa e plena de conteúdo (*gehaltvolle*) na filosofia alemã e particularmente na filosofia especulativa alemã do século XIX. [...] A isto seguiu-se novamente o “ataque à metafísica especulativa e a toda metafísica”. (LÉNINE, 1989, p. 44 - 45, grifo do autor).

Ora, com suas palavras Lênin não estaria a nos indicar precisamente a sua compreensão de que esta metafísica (analítica e não-contraditória) do século XVII, golpeada pelo materialismo (humanista) do século XVIII, havia sido superada pela dialética de Hegel no século XIX? E que a própria filosofia (especulativa) hegeliana, golpeada pelo materialismo (não-dialético) de Feuerbach, seria, por sua vez, superada pelo marxismo? Parece-nos que Lênin se propunha a justamente buscar os germes (materialistas) da transição de Marx e Engels do jovem hegelianismo (idealista) para o comunismo (ainda que de forma pouco desenvolvida) e não os de uma suposta guinada unilateral a um materialismo “positivista” ou “pré-dialético” por parte de seus autores.

Convém notar que Lênin fez seus estudos sobre *A Sagrada Família* quando esteve pela primeira vez no estrangeiro, onde fora entrar em contato com o grupo Emancipação do Trabalho. Nesse sentido, nos parece possível que Lênin tenha lido esta obra tendo em mente a luta fundamental daquela época (contra os populistas russos), como atestam os seus primeiros escritos da segunda metade dos anos de 1890. Sob tal ponto de vista, é provável, inclusive, que Lênin tenha sido realmente tributário de Plekhanov, qual seja: o de se afirmar uma concepção de mundo marxista em oposição ao idealismo crítico e ao socialismo utópico dos *narodniki*, trabalho que de fato fora levado a cabo de forma pioneira na Rússia por Plekhanov e que, certamente, despertou a curiosidade e o respeito de Lênin. É plausível, portanto, que desde aquele momento suas preocupações teóricas se relacionassem diretamente com circunstâncias históricas e sociais determinadas.

Passando ao ano de 1905, Löwy aponta que uma análise rigorosa do principal texto político de Lênin no período, as *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática*, demonstrariam com uma “nitidez extraordinária” a “tensão no pensamento” de Lênin entre o seu realismo revolucionário geral e os limites que lhe impunham a construção estreita do marxismo supostamente “ortodoxo”. Por um lado, nesta obra, seriam

encontradas análises brilhantes sobre a incapacidade de a burguesia russa levar a termo uma revolução democrática, a qual não poderia ser realizada senão por uma aliança operário-camponesa exercendo sua ditadura revolucionária; Lênin determinaria o papel dirigente do proletariado nessa aliança e, por momentos, pareceria estar prestes a atingir a ideia de uma transição ininterrupta em direção ao socialismo (LOWY, 1978, p. 128).

Por outro lado, nas numerosas fórmulas encontradas em *Duas Táticas*, Lênin voltaria a reafirmar categoricamente o caráter burguês da revolução russa. Seu argumento, segundo Löwy, se assentava no tema “clássico” do marxismo “pré-dialético”: a Rússia não estaria madura para uma revolução socialista. “O objetivo determina o subjetivo, a economia é a condição da consciência; eis, em duas palavras, Moisés e os Dez Mandamentos do evangelho materialista da IIª Internacional” (LOWY, 1978, p. 129). A esta altura, cabe-nos perguntar: e, de fato, não estava? A forte opressão e a fraca resistência dos levantes de 1905 não demonstraram que, em boa medida, o argumento de Lênin estava correto? Como observamos, Lênin reconhecia a rigorosa unidade entre o objetivo e o subjetivo na luta de classes, e talvez conferisse o primado da “economia” sobre a “consciência” naquele momento, como sugere Löwy, justamente porque as forças organizadas ainda não estavam completamente desenvolvidas para uma insurreição bem-sucedida. Aliás, em *O Que Fazer?*, no combate ao espontaneísmo dos “economistas”, insistia justamente no desenvolvimento da consciência em um momento no qual o que importava era construir e organizar um partido que elevasse as massas ao nível revolucionário (nível que fora atingido pelas massas independentemente do partido, em 1905).

Sustentar que o “primeiro leninismo” carregou as ambiguidades do marxismo “pré-dialético” e do “velho bolchevismo” especificamente por uma compreensão incompleta (ou mesmo incompreensão) da dialética nos parece possível apenas como parte da resposta. Isto seria, sob a primazia da lógica,

negligenciar as condições históricas, algo que Löwy logo adiante vai, inclusive, considerar, quando se referir ao “corte teórico” de 1914, corte proporcionado pelos posicionamentos oportunistas e traidores da ampla maioria dos sociais-democratas da 2ª Internacional. Se Lênin defende o caráter burguês de uma revolução na Rússia em 1905 (algo que ele se abstém de fazer em *O Que Fazer?* e *Um passo em frente, dois passos atrás*), e mesmo rejeita “explícita e formalmente” a Comuna de Paris como modelo para a insurreição russa (“outro tema das *Duas Táticas* que testemunha o obstáculo metodológico que constituía o caráter analítico deste marxismo”), isto se deve na medida em que as condições e as forças históricas (o partido, a sua atuação e influência sobre as massas) naquele momento eram diferentes e, provavelmente, muito mais atrasadas do que em 1917²². Entretanto, estamos longe de negar que Lênin empreendeu um avanço teórico em face de seus estudos filosóficos. Esse avanço, por si só, todavia é incapaz de explicar a realidade viva e objetiva como um todo em constante movimento e em relação direta com o sujeito que o concebe também no movimento do pensar.

Tal concepção, como adiantamos, é evidenciada por Löwy quando se refere ao “corte” de 1914. A falência da 2ª Internacional teria sido a evidência, ou a circunstância, fulminante de que o marxismo “oficial ortodoxo” havia chegado a sua bancarrota política, conduzindo Lênin a “uma profunda revisão das premissas filosóficas de seu marxismo kautsko-plekhanovista”. Desde então, sua visão sobre a dialética marxista teria sido profundamente alterada, como atestariam os seus escritos nos *Cadernos Filosóficos*. Em seu marxismo “pré-dialético”, Kautsky e Plekhanov (supostas referências filosóficas leninistas principais, de acordo com Löwy)

²² “A única (ou quase) exceção a essa regra era Trotsky que tinha sido o primeiro, em **Bilan et Perspectives** [Balanços e Perspectivas] (1906), a ultrapassar o dogma do caráter burguês-democrático da revolução russa futura; entretanto ele estava politicamente neutralizado pelo seu conciliacionismo-organizacional.” (LOWY, 1978, p. 130, grifo do autor). Não estaria Trótski, àquela altura, avançado logicamente em relação aos acontecimentos históricos?

havam lido cuidadosamente Hegel (o que Lênin observa criticamente em seus *Cadernos*); no entanto, eles o haviam lido e absorvido no âmago de seus sistemas teóricos, como precursor de um evolucionismo ou determinismo histórico (o que, de fato, parece-nos haver ocorrido). As notas de Lênin sobre Hegel constituiriam um desafio ou uma ruptura em relação ao marxismo “pré-dialético” desses autores na medida em que, segundo Löwy:

1. Primeiramente Lenin insiste sobre o abismo filosófico que separa o materialismo “imbecil”, quer dizer, “metafísico, não desenvolvido, morto, grosseiro” do materialismo marxista, que está mais próximo, em compensação, do idealismo “inteligente”, quer dizer dialético. Por conseguinte ele critica Plekhanov por não ter escrito nada sobre a Grande **Lógica** de Hegel [...]. 2. [...] Ao mesmo tempo ele aprova a **démarche** [marcha] dialética pela qual Hegel dissolve a “oposição sólida e abstrata” do subjetivo e do objetivo e destrói sua unilateralidade. 3. Ele sublinha a diferença capital entre a concepção evolucionista vulgar e a concepção dialética do desenvolvimento [...]. 4. Ele critica, com Hegel, a “absolutização do conceito de lei, sua simplificação, sua fetichização” (e ele acrescenta: “N.B. para a física moderna!”). Ele escreve mesmo que “a lei, toda lei, é estreita, incompleta, aproximativa”. 5. Ele vê na categoria de **totalidade**, no “desenvolvimento de todo um conjunto de momentos da realidade”, a **essência mesma do conhecimento dialético**. (LOWY, 1978, p. 133-134, grifo do autor).

Neste ponto, importa-nos observar, de acordo com Benoit (1998, p. 58), que Rosa Luxemburgo (representante da esquerda social-democrata na 2ª Internacional), em artigo intitulado *Questões de organização da social-democracia russa*, de 1904, atacara Lênin acusando-o, como tantos outros, de “jacobino-blanquismo”. Afirmava Rosa, particularmente, que a social-democracia não estaria ligada à classe operária, como pensara Lênin, mas que a social-democracia seria o próprio movimento imanente da classe operária, situando-se inteiramente em seu interior. Rosa opunha-se, assim, à posição leninista de separação

entre o partido e a classe, bem como à ideia, reconhecida como kautskyana, de que a consciência socialista deveria ser posta de fora, já que não se desenvolveria de maneira orgânica entre o proletariado. Na verdade, esclarece-nos Benoit, as posições de Lênin, já naquela época não se confundiam com as de Kautsky (ao contrário do que Löwy sugere). Em setembro de 1904, contestando os ataques de Rosa, Lênin escreveu um artigo denominado *Um passo em frente, dois passos atrás* (com o mesmo título de seu livro, portanto) enviando-o a Kautsky para ser publicado na revista social-democrata alemã *Die Neue Zeit* (O Novo Tempo). Kautsky recusou o escrito de Lênin, impedindo-o de manifestar a sua réplica contra Luxemburgo. Kautsky, inclusive, responsabilizara Lênin pela cisão do POSDR em seu segundo congresso, em 1903. Deste modo, portanto, Lênin caminhava com a sua teoria marxista do partido, há muito tempo, contra as diversas alas da 2ª Internacional.

Löwy, entretanto, aponta-nos que, somente em 1914, “com a leitura materialista de Hegel”, Lênin conseguira libertar-se da construção estreita do marxismo pseudo-ortodoxo da 2ª Internacional, do “limite teórico” que este marxismo impunha ao seu pensamento. O estudo da lógica hegeliana seria o principal instrumento pelo qual Lênin desimpedira o caminho que o acabou conduzindo à estação finlandesa de São Petersburgo. Uma vez ultrapassado esse obstáculo teórico representado pelo marxismo “pré-dialético”, e sob impulso dos acontecimentos, ele começaria a estudar o problema sob um ângulo prático e concreto: quais as medidas, constituindo de fato uma transição para o socialismo, poderiam ser tomadas para serem aceitas pela maioria do povo russo, isto é, das massas operárias e camponesas. A partir daí, Lênin conferiria as respostas que causariam surpresa aos demais camaradas quando desferiu suas palavras à massa de operários, soldados e marinheiros, convocando-os a lutar pela revolução socialista (LOWY, 1978, p. 135).

Ao analisar estas medidas “práticas, concretas e realistas”, Löwy destaca que as *Teses de Abril* na verdade haviam nascido em

março de 1917, mais precisamente entre 11 e 26 de março, estando contidas fundamentalmente na terceira e na quinta *Cartas de Longe* escritas por Lênin nesse período. Para Löwy, a análise rigorosa de tais documentos (que foram integralmente publicados apenas em 1949) nos permitiria “apreender o movimento mesmo do pensamento de Lenin”. À questão capital - a revolução russa poderia tomar medidas imediatas de transição para o socialismo? - Lênin responderia em dois momentos distintos: no primeiro (“Carta 3”) ele questionaria a resposta “tradicional”; no segundo (“Carta 5”) ele conferiria uma resposta “nova”. Na “Carta 3”, encontraríamos “dois momentos justapostos em uma contradição não resolvida”, nos quais Lênin inicialmente sublinharia que as medidas tomadas não seriam ainda socialistas, ou relativas à ditadura do proletariado, não ultrapassando assim os limites de uma “ditadura democrática revolucionária do proletariado e dos camponeses pobres”, acrescentado em seguida, contudo, que não importava proceder naquele momento a uma “classificação teórica fixa” de tarefas complexas “em vias de desenvolvimento rápido”. Quinze dias depois, na quinta carta, o “abismo seria ultrapassado” e o “corte político consumado”: as medidas mencionadas (controle da produção e da distribuição, a fusão de todos os bancos etc.) constituiriam “em vistas de seu conjunto e em sua evolução” já uma transição ao socialismo (LOWY, 1978, p. 136).

Sendo assim, de acordo com Löwy, poderíamos inferir que, em sua terceira carta de março de 1917, Lênin apontava justamente para a “fórmula pré-dialética” de 1905, a ditadura democrático-revolucionária sustentada em *Duas Táticas*, e que, quinze dias depois (em sua “Carta 5”), consolidava o seu corte teórico (“dialético”) estigmatizado nas medidas transitórias ao socialismo, alcançadas, por sua vez, através dos estudos presentes nos *Cadernos Filosóficos*. Mas, ambas as cartas, em suas semelhanças e diferenças, não haviam sido escritas após a leitura materialista de Hegel, entre 1914 e 1916? O próprio Löwy parece se embaraçar ao verificar que mesmo as *Teses de Abril* “falam muito de transição entre a primeira

etapa da revolução e a segunda que deve dar o poder ao proletariado e as camadas pobres do campesinato”, reconhecendo que isto não estaria em contradição com a fórmula tradicional do “velho bolchevismo”, pois o conteúdo das tarefas deste poder (democráticas ou revolucionárias) nem mesmo estaria definido por Lênin.

Lênin, mesmo antes de 1905, em seus dois textos políticos principais, *O Que Fazer?* e *Um passo em frente, dois passos atrás* (e, também, em outros textos “acessórios” do período), absteve-se de proceder a qualquer classificação das tarefas práticas da revolução sobre o “leito de uma teoria fixa”, congruentemente, portanto, com o que apontara em sua terceira carta de longe, redigida em março de 1917. Nos dois escritos anteriores, importava-lhe construir um partido marxista, depurando-lhe das sucessivas tendências oportunistas e elevando as massas (e também a organização) ao nível revolucionário. Parece-nos demonstrável que Lênin lidava com a hipótese de que o proletariado e o partido não haviam alcançado ainda tal nível e que, para tanto, era necessário atuar sobre os diferentes estágios de consciência por meio de um trabalho abnegado e minucioso, detalhado teoricamente por Lênin em 1902. A sublevação de 1905, “auxiliada” pela Guerra Russo-Japonesa, deve ter proporcionado as condições práticas e materiais que os momentos anteriores não haviam fornecido a Lênin.

O próprio Löwy frisa que Lênin, em 1917, havia destacado que a tarefa revolucionária imediata na Rússia de então não era a de se “introduzir” o socialismo, mas unicamente a de se passar o controle da produção social e da repartição dos produtos aos sovietes de deputados operários, “fórmula maleável” onde a caracterização desse controle também não era definida. No entanto, haveria nesta sentença já uma revisão da antiga concepção bolchevique sobre o Estado-Comuna como modelo para a República dos Sovietes. Para Löwy, o texto crucial de Lênin a esse respeito seria uma pequena brochura intitulada *Cartas sobre a tática*, redigida entre 8 e 13 de abril (provavelmente sob o impulso “anti-Lênin” do

Pravda de 8 de abril), onde encontraria-se a “frase-chave” que resumiria o “movimento histórico” efetuado por Lênin e sua “ruptura definitiva, explícita e radical” com o que havia de ultrapassado no bolchevismo “de outrora”:

“Quem, **atualmente**, não fala senão de ditadura democrática revolucionária do proletariado e do campesinato atrasa a sua vida; **passa** devido a esse fato, praticamente, à pequena burguesia, e merece ser relegado aos arquivos das curiosidades **bolcheviques** pré-revolucionárias - aos arquivos dos ‘velhos bolcheviques’ poder-se-ia dizer”. (LENIN apud LOWY, 1978, p. 138, grifo do autor).

Cabe perguntarmos: com esta citação, tal como em 1905, Lênin não estaria, “nova” e coerentemente, dizendo que “as palavras haviam sido superadas pelos fatos” e que o “movimento as havia deixado para trás”? (LENINE, 1986, p. 421- 422). Em função do rápido e complexo desenvolvimento da realidade, com o agravamento das contradições do capitalismo pela deflagração da Primeira Grande Guerra (agora mundial e agora apoiada pelos sociais-democratas traidores da 2ª Internacional), Lênin não estaria sustentando uma “antiga” fórmula, a de se estabelecer uma forma de poder popular (sob hegemonia operária) destinada a realizar uma transição socialista? A “novidade” histórica agora (ao invés de lógica) não seria a aparição dos soviets de deputados operários e soldados como instrumento dessa transição (ao invés de um governo provisório entre operários e camadas proletarizadas da pequena-burguesia)? Pensamos que a concepção, reconhecida como trotskista, de que a “ditadura do proletariado apoiada pelo campesinato que efetua a passagem ininterrupta da revolução democrática à revolução socialista” já estaria, portanto, potencialmente contida em seus primeiros textos sobre a teoria do partido (e sobre o programa revolucionário imanentemente ligado a ela), ao contrário do que defendeu Löwy em seu artigo.

Devemos, mesmo assim, destacar que a contribuição de Löwy é notável. A leitura que faz de Lênin, sobre os seus estudos da *Lógica* de Hegel em Berna até as palavras de ordem pronunciadas na estação finlandesa de São Petersburgo, entre 1914 e 1917, está conservada também em nossa tese. No entanto, sustentar uma “ruptura radical” entre os escritos desse período e os dos anteriores, baseados numa suposta vinculação filosófica de matiz “kautskoplekhanovista”, nos parece aqui insuficiente, uma vez que Löwy não aborda estes escritos com o detalhamento que fez sobre as *Duas Tácticas* e os *Cadernos*, e também porque tal vinculação nos mostra bastante questionável, de um ponto de vista “filosófico”. Ademais, por “pré-dialética” Löwy parece entender apenas a ideia circunscrita à necessidade de uma revolução burguesa na Rússia e por “dialética” a ideia de uma transição imediata ao socialismo, “esquecendo-se” dos elementos de transição (as “conexões”, as “interligações”, os “saltos”) que podem estar contidos na própria realidade.

Quando menciona a questão da Comuna de Paris, a de sua rejeição por Lênin em *Duas Tácticas*, por exemplo, Löwy não leva em conta que Lênin parecia querer se afastar de certa concepção fetichizada ou unilateralmente espontaneísta dos conselhos (relembramos aqui que Lênin fora acusado de “anarquista” por ocasião das *Teses*); ele os pensara em relação com o partido marxista, uma relação que, àquela altura, ainda não era verificada historicamente na Rússia²³. Inicialmente, os mencheviques eram

²³ Conta-nos Oskar Anweiler que até agosto de 1917 apenas uma pequena minoria do povo russo apoiava os bolcheviques. Entretanto, a sua influência mais visível já se dava sobre as zonas industriais do campo e das capitais das províncias e, sobretudo, entre os operários industriais. A participação decidida dos bolcheviques frente à crise do governo czarista, diante das crescentes necessidades econômicas nas cidades, as medidas propostas para o problema agrário e, principalmente, a diretiva política de paz diante da guerra imperialista, predispuseram amplos círculos do povo russo a favor das consignas bolcheviques que prometiam paz, terra e pão. As frequentes eleições dos soviets, sindicatos, comitês de fabricas, órgãos de autonomia urbanos e rurais etc. refletiam esse vertiginoso crescimento da influência bolchevique. Em abril, o número de membros do partido era de 80 mil; em setembro 240 mil (para cada membro somavam-se em torno de 50 simpatizantes). Estes números se expandiriam até outubro, quando, nas palavras de Anweiler, o domínio bolchevique nos soviets fora decisivo para a revolução. Para o detalhado processo de “bolchevização” dos soviets e os

muito mais “simpáticos” aos soviets (como meros instrumentos sindicais ou de simples expansão do partido) do que os bolcheviques. Quando aponta Kautsky e Plekhanov como “influências filosóficas” de Lênin, Löwy não ressalta também que estas se davam, muito provavelmente, mais por necessidades práticas, como autoridades da social-democracia internacional e russa, respectivamente, do que por um “tributo” aos seus desenvolvimentos teóricos específicos. Vale lembrar que Lênin os apoiava, desde cedo, com restrições²⁴. Sua aproximação, sobretudo de Plekhanov, a nosso ver, pode ser encarada sob dois aspectos principais: o de afirmação de um ponto de vista teórico em geral (marxista) e o de efetivação política em particular (social-democrata). As diferenças táticas e estratégicas, sobre o caráter da revolução, a organização do partido e a mediação por um jornal, haviam sido expostas desde o período de fundação do *Iskra* e da redação do programa do Partido Operário Social-Democrata Russo, isto é, no início de 1900.

Várias problemáticas que podem ser pensadas dialeticamente em Lênin. E isto Löwy não deixa claro, apesar de suas valiosas observações sobre a importância dos estudos de Lênin frente às cruciais circunstâncias históricas determinadas entre 1914 e 1917. Emblematicamente, ao final, Löwy parece-nos deixar uma pista ambígua (expondo ele mesmo, talvez, certa “tensão” em seu próprio pensamento) sobre o que supomos ser justamente a limitação metodológica contida em seu artigo (e que procuramos defender em nossa exposição até aqui): frisando que Lênin não deduziu simplesmente as suas *Teses da Lógica* de Hegel (apesar de afirmar ser inegável que os *Cadernos* constituiriam uma ruptura filosófica em relação ao “primeiro leninismo”), Löwy aponta que seria “necessário reconhecer também que o método utilizado nos

preparativos para a Insurreição de Outubro, cf. ANWEILER, Oskar. *Los Soviets en Rusia, 1905 - 1921*. Madrid: Zero, 1975. p. 186 - 217.

²⁴ Em suas memórias, Krupskaja relata que as “dificuldades de relacionamento” entre Lênin e Plekhanov datavam desde as primeiras discussões para a fundação do *Iskra* (KRUPSKAYA, 1937, p. 36).

escritos políticos de Lenin antes de 1914 era muito mais ‘dialético’ que o de Plekhanov ou Kautsky” (LOWY, 1978, p. 40).

Michael Löwy dá importantes passos e pistas ao marxismo para o estudo da obra teórico-prática de Lênin. Talvez tenha sido um dos primeiros autores a apontar a importância da leitura dos *Cadernos Filosóficos* para o leninismo (*Cadernos* que, por sua vez, tenham cumprido a tarefa pioneira de demonstrar a importância da dialética hegeliana para *O Capital* e o marxismo). Vimos que, de fato, Lênin superara a sua concepção sobre as tarefas revolucionárias imediatas na velha Rússia, que havia explicitado em *Dois táticas da social-democracia na revolução democrática*. Todavia, sua noção sobre uma suposta revolução burguesa em 1905 já nos mostrara radicalmente distinta da concepção proposta por outros sociais-democratas: àquela altura propunha uma dualidade de poder baseada na ditadura democrático-revolucionária do proletariado (operários e camponeses) e na necessidade de expansão da revolução por toda a Europa (esta ideia, em teoria, comum às demais frações do partido). Um salto, a nosso ver, ocorrera fundamentalmente em função das modificações das condições históricas, mais do que em função de uma guinada “lógica” na sua concepção sobre o programa e sobre a atuação do partido, instrumento de mediação entre a consciência revolucionária organizada e a espontaneidade das massas, que Lênin já havia esboçado dialeticamente desde 1902 (importa aqui lembrarmos que Lênin aparentemente havia lido Hegel há muito tempo, desde seu exílio siberiano ao final dos anos de 1890). Tal conversão seria assim, dialética; dialeticamente particular, pois em si conteria o geral, a revolução socialista, que Lênin, em nenhum momento, ao contrário dos sociais-democratas traidores da 2ª Internacional, indicara ter “desprezado”. Parece-nos, aliás, que ele sempre buscou conectá-la à realidade e às circunstâncias de cada época específica, e que seus textos, sempre imbuídos de um caráter concreto, acabaram por registrar.

Sua teoria (dialética) do partido, expressão desta unidade, inclusive, baseou-se, desde o princípio, na necessidade constante de desenvolvimento em função das condições históricas, isto é, mesmo uma modificação na compreensão da possibilidade de um salto qualitativo (revolucionário) na Rússia parece já estar contida, potencialmente, no interior da obra teórica sobre a constituição do partido marxista, talvez a maior contribuição “filosófica” de Lênin em seus textos. Como o próprio Lênin observou abertamente nos *Cadernos*: “Em que se distingue a transição dialética da não dialética? No salto. Na contradição. Na interrupção da gradualidade. Na unidade do ser e do não ser” (LÉNINE, 1989, p. 245). Ou seja, ao invés de um “corte” metodológico, uma “ruptura definitiva, explícita e radical”, como proposto por Löwy, sustentamos, assim, haver unidade dialética em seu pensamento e escritos, interrompidos em sua gradualidade pelas contradições do real.

Referências

- ANDERSON, Kevin. *Lenin, Hegel and Western Marxism*. Chicago: Illinois University, 1995.
- ANWEILER, Oskar. *Los Soviets en Rusia, 1905 - 1921*. Madrid: Zero, 1975.
- BENOIT, Hector. A luta de classes como fundamento da história. In: TOLEDO, Caio Navarro (Org.). *Ensaio sobre o Manifesto Comunista*. São Paulo: Xamã, 1998. p. 45 - 69.
- _____. Sobre a crítica (dialética) de O Capital. *Crítica Marxista*, Campinas, n. 3, p. 14 - 44, 1996.
- _____. Teoria (dialética) do partido ou a negação da negação leninista. *Outubro*, São Paulo, n. 2, p. 47 - 61, 1998.
- BROHM, Jean-Marie. *O que é a dialética?* Lisboa: Antídoto, 1979.
- BROUÉ, Pierre. *O partido bolchevique*. São Paulo: Sundermann, 2014.

DILLENBURG, Fernando Frota. *Método dialético e política em Lukács*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GRUPPI, Luciano. *O pensamento de Lênin*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

KRUPSKAYA, Nadezda. *Mi vida con Lenin (1893 - 1917)*. Santiago de Chile: Ercilla, 1937.

LENIN, Vladimir Ilitch. *Filosofskiye Tetradi*. In: _____. *Polnoye Sobraniye*. 5. ed. Moskva: Institut Marksizma-Leninizma, 1973. v. 29.

LENINE, Vladimir Ilitch. *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática*. In: _____. **Obras Escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986, v. 1. p. 381 - 472.

LÉNINE, Vladimir Ilitch. *Conspecto do livro de Hegel “Lições sobre a História da Filosofia”*. In: _____. **Obras Escolhidas**. Lisboa: Avante!, 1989, v. 6. p. 213 - 264.

_____. *Conspecto do livro de Marx e Engels “A Sagrada Família”*. In: _____. **Obras Escolhidas**. Lisboa: Avante!, 1989, v. 6. p. 23 - 53.

_____. *Materialismo e Empiriocriticismo (Notas Críticas sobre Uma Filosofia Reaccionária)*. Lisboa: Avante!, 1982.

LOWY, Michael. *Da Grande Lógica de Hegel à Estação Finlandesa de Petrogrado*. In: _____. *Método dialético e teoria política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

LUKÁCS, György. *Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento*. São Paulo: Boitempo, 2012.

QUARTIM DE MORAES, João. *A grande virada de Lenin. Crítica Marxista*, Campinas, n. 34, p. 9 - 32, 2012.

ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O Capital de Marx*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.